

O IMAGINÁRIO SOCIAL E A ESCOLA

Podemos definir o imaginário social como o conjunto de representações, de significações imaginárias que habitam todos os membros de uma sociedade, independentemente da consciência que delas se tenha ou não.

Será, no entanto, de distinguir o imaginário social reprodutor do imaginário social criador:

- O imaginário social reprodutor transmite, "reproduz" o instituído, o "statu quo", as representações da vida e do mundo dominantes, num determinado momento, na sociedade.
- O imaginário social criador é o questionamento, a "denúncia" do "statu quo": ele é instituinte, anuncia e realiza o novo.

A educação, sendo um sistema simbólico, tem tendência para reforçar o instituído em detrimento do instituinte. Aqui se situa, provavelmente, o grande impasse: o sistema educativo reproduz o passado em vez de instituir outro futuro.

Talvez o determinante hoje seja dar, concretamente na educação, o lugar primordial ao imaginário social criador. Como? Não há receitas, mas é possível adiantar algumas ideias:

- a. Partir do EXISTENCIAL para uma análise multidimensional: será fundamental ter em conta o vivido individual e colectivamente, a emergência das emoções, dos pensamentos, das representações e das acções. Será fundamental partir do Existencial para uma análise multi-referencial, socio-política e psico-biológica.
- b. Desocultar o sentido comum da Política vista como organização, como conjunto de relações sociais institucionalizadas, como sistema de trocas tanto económicas como ideológicas: esta política veicula o imaginário social reprodutor, mesmo no seio dos nossos afectos, dos nossos sentimentos.
- c. Libertar o efeito sempre presente do POETICO: o Poético é visto como a dimensão simbólica da existência individual e social, como o principal potencial criador do ser humano.
- d. Haverá, assim, que atender articuladamente a quatro pólos:
 - O EXISTENCIAL (Indispensável ponto de partida...)
 - A ANALISE (É fundamental analisar os problemas numa perspectiva científica, sem cair em qualquer "emocionalismo" cego...).
 - A POLITICA (Procurando reconduzi-la ao seu sentido mais nobre de arte de governar/actuar na cidade...)
 - O POETICO (Fecundado de maneira inesgotável pela imaginação radical individual...)
- e. Uma nota pela negativa: afastar convictamente todos os dogmatismos e intolerâncias na medida em que, numa visão determinista e mecanicista, nos apresentam o futuro já escrito e definido.

Terá tudo isto alguma coisa a ver com a escola, com a acção consciente para mudar a escola, a vida, o mundo? Algumas notas:

1. Qualquer professor aspirará a que a sua profissão, o seu trabalho seja motivador, seja realizador! Qualquer professor aspirará a que o seu trabalho seja também a festa que em cada um de nós habita ao imaginarmos a transformação da vida e do mundo.
2. Mas não é a escola o local da anti-festa? Na verdade, para os alunos há festa quando não há aulas, há festa quando não há escola. Provavelmente, a dura verdade é esta: as escolas que temos são o "festival" da memória, da rotina, do ordinário, da chateza. Ora, a festa é o festival do imaginário, da criatividade!!!
3. Que fazer? Julgo que nós como professores não devemos (é uma posição



com inegável dimensão ética) abdicar da componente insurrecional que em nós mora: não devemos aceitar o triste destino de prescindir do que sentimos e desejamos! Não devemos na nossa acção quotidiana, na escola, na nossa mundivivência, renunciar à dimensão festiva que em nós vive e que perspectiva uma sociedade onde liberdade ganha novo conteúdo, onde o amor não é uma questão meramente individual, mas antes-constitutivo da vida, da vida florida colectivamente!!!

4. Será possível a festa na escola com que a história nos confronta hoje? Na verdade, poucos contestarão que ela reproduz fundamentalmente o instituído. Provavelmente, nela não é possível a festa de lés-a-lés à exacta medida da nossa imaginação.
5. Há, então, que "desertar" da escola? Não, de modo nenhum! Há que estar na escola para soltar o imaginário social criador e produzir outra escola, outra sociedade: está ao nosso alcance rejeitarmos categoricamente o hediondo e infame quotidiano feito de rotina, mesquinhez e chateza! Está ao nosso alcance inseminarmos a escola com a manha clara, ao semear outro canto sobre páginas em branco.
6. Ainda se torna necessário muito caminhar para atingir a manha clara, mas é possível entender o que está em jogo, perceber que a festa é o movimento real da vida. Certamente, não serão poucos os combates a travar para produzir outra escola, outra sociedade: importante é ver que estes combates não terão que ser necessariamente uma história sem esperança, ou uma esperança sem história! Podem inserir-se num movimento único em que a história se torna esperança e a esperança se torna história.

Nos horizontes longos do imaginário social criador despon-
ta o mundo novo:

- a. A estrela polar será explorar fronteiras e procurar sintonizar tudo o que anuncia outros possíveis.
- b. A relação educativa será instituinte, pronunciando e realizando já o futuro movida pelo princípio esperança.
- c. Um novo canto a inventar opera já uma mutação milenar: captar a corrente quente do fundo dos tempos significa mudar a política, mudar a cultura, mudar a educação.
- d. Uma nova visão epistemológica se vislumbra hoje: viver o homem multidimensional numa convergência filosófica, científica e poética, é o mais lindo poema ainda por escrever.

-----Este trabalho é dedicado-----

A TODOS

AQUELES QUE

A TODOS

AQUELES QUE

HABITAM

HORIZONTES LONGOS

PROCURAM

UM MUNDO NOVO

LUAR PARA

SOLTAR SONHOS GUARDADOS

HAVEMOS DE NOS ENCONTRAR

A PROCURAR OUTRO CANTO SOBRE PAGINAS EM BRANCO

A ALUMIAR INSURREIÇÃO IMAGINAÇÃO

A SEMEAR POEMA A CRIAÇÃO

HAVEMOS DE NOS ENCONTRAR

PARA OPERAR A MUTAÇÃO RADICAL

MORRER SOLIDÃO NASCER MULTIDÃO

A TODOS

AQUELES QUE

HABITAM

A TODOS

HORIZONTES LONGOS

AQUELES QUE

UM MUNDO NOVO

PROCURAM

LUAR PARA

SOLTAR SONHOS GUARDADOS

(Maio/1984 José Ribeiro Cardoso)

